

A vida agarrada – a poesia insaciável de Cláudia Ahimsa

Prosa & Verso, OGLOBO, 27/08/2005

Trata-se do insaciável, no inesgotável. Com essas palavras, tiradas da “Nota inclusiva”—por si só um poema—que abre o livro “A vida agarrada”, de Cláudia Ahimsa, nós nos deparamos com o impulso prodigioso que move a poeta e permeia todo o livro. Logo adiante, ela vai declarar “Vem, fome infinita!/ Valha-me vasta voragem.”. Quando por fim terminamos a leitura dos 65 poemas, escritos no decorrer de vários anos e assinados em uma espécie de *livre trânsito dadivoso* pelo mundo, percebemos extasiados que a poeta cumpriu fielmente com sua promessa, e compreendemos a misteriosa foto da capa. Dedicados à biosfera, os poemas de “A vida agarrada” podem ser lidos como um hino de amor à vida e sua multiplicidade. Com um interesse quase científico pelos animais, seres humanos e galáxias, os poemas vão do microcosmo ao macrocosmo, passeiam pelas muitas idades da Terra, projetam-se ao futuro, dão a volta ao mundo com olhar comovido e sempre atento ao momento presente. Num dos mais belos poemas do livro, “Abelha no âmbar”, a poeta afirma seu amor à vida terrena: “quando o efêmero tiver vencido:// vou junto à crosta e o manto/ arder por último em fogo alto/ o que fui embrulhado em Terra.” A leitura desse livro múltiplo produz uma sensação de liberdade e de engajamento, aliada à uma bem-vinda e renovadora sensação de *preciosidade*. A vida de cada um de nós parece ganhar uma dimensão nova, um valor maior, mais digno. Esse valor é o da *Poesia*.

Segundo Paul Valéry, *um poema é uma espécie de máquina de produzir o estado poético através das palavras*. É verdade que Valéry morreu pouco

antes de testemunhar a bomba nuclear e a revelação dos horrores do Holocausto, que mergulharam a civilização cristã em profunda angústia e descrença. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, ficou difícil falar em *universo poético*. No entanto, um dos maiores méritos da poesia de Cláudia Ahimsa é ser capaz de transportar o leitor à esfera do poético (*um eu maravilhosamente superior a Mim*, nas palavras de Valéry), sem jamais ser transcendentalista ou saudosista em momento algum. Pelo contrário: “A vida agarrada” é um livro presente, jubiloso e afirmativo. Como ela consegue isso? Aprendendo a lição que Valéry, como outros grandes poetas, ainda tem a nos ensinar: o trabalho com a linguagem. O poema “A caminho do Ganges” ilustra essa sabedoria na poeta. Pedala na Ásia ao lado de um enorme porco. À beira do rio, se separam: “Nos serviremos da carcaça de uma vaca santa./ Ele ao sabor da língua./ Eu, linguagem.” Os poemas de “A vida agarrada” são precisamente construídos para provocar no leitor uma sensação análoga à que motivou a poeta a escrevê-lo, ou, como quer Valéry, a transformá-lo em um ser *inspirado*.

No poema “D’après Chagall”, o espaço da poesia é equiparado ao espaço do sonho. Escrito a partir da tela “O poeta deitado” de Marc Chagall, no final do poema a poeta adverte: “—Não te move daí, Apollinaire!// Fora do sonho// foste atingido por um obus.”. É importante ressaltar que em Cláudia Ahimsa o espaço da poesia não é um espaço de fuga do ‘real’, nem tampouco de mero espelhamento do ‘real’: é o espaço de transformação da realidade, da elaboração do *humano*, da fabricação do mel precioso. É o espaço da consciência—um espaço político, portanto. Poucos livros de poesia são tão politicamente engajados como “A vida agarrada”. E não apenas em poemas mais diretos como “Mensagem aos governos do mundo”, ou na questão ecológica; a poeta coloca-se inteira diante dos mais variados conflitos

humanos com os quais nos deparamos: a questão do Tibet, as dívidas e as guerras intestinas da África, a injustiça social, a divisão da Irlanda e, sobretudo, a guerra de independência do Timor Leste, na qual se envolveu corajosamente, retratada em alguns dos mais violentos e contundentes poemas do livro.

Por sua amplitude *insaciável*, por seu compromisso *inesgotável* com o humano, e por seu excepcional tratamento de linguagem, construindo com inteligência e sensibilidade poemas de alto quilate poético, “A vida agarrada”, de Cláudia Ahimsa, destaca-se no cenário da poesia contemporânea, e desloca a autora como uma das vozes mais originais dos nossos dias—sem dúvida, uma poeta que veio para ficar, como uma “abelha no âmbar”.